

## **Combinação de AES Tietê e Eneva criaria empresa alinhada com futuro do SEB<sup>1</sup>**

Nivalde de Castro<sup>2</sup>  
Roberto Brandão<sup>3</sup>  
Ana Carolina Chaves<sup>4</sup>  
André Alves<sup>5</sup>

No início de março, a Eneva, importante *player* de geração termoelétrica, propôs integrar seus ativos com a AES Tietê. Esta decisão pautou-se em uma visão estratégica de que a associação dos negócios criará uma nova companhia com grande potencial de sinergias operacionais, financeiras e econômicas, possibilitando agregação de maior valor no médio e longo prazo. A empresa resultante deste processo será a segunda maior geradora de energia de capital privado operando no Brasil, com uma capacidade instalada de mais de 6 GW, o que representa cerca de 4% da capacidade instalada nacional, e um faturamento anual na ordem de R\$ 5 bilhões.

Entre os elementos específicos mais relevantes da integração, podem ser destacados os que seguem.

Em primeiro lugar, os ativos das duas empresas são absolutamente complementares, já que a Eneva possui apenas geração térmica e a AES Tietê atua somente com geração de fontes renováveis, com predomínio de usinas hidroelétricas.

Em segundo lugar, as posições de contratos das duas companhias no mercado de energia são totalmente diferentes. A Eneva firmou sua posição com grande competitividade nos leilões para o Ambiente de Contratação Regulada (ACR),

---

<sup>1</sup> Artigo publicado pelo serviço de informação Broadcast da Agência Estado de São Paulo. Disponível em: <https://energia.aebroadcast.com.br/tabs/news/747/33811681> Acesso em 2 de abril de 2020.

<sup>2</sup> Coordenador do Grupo de Estudos do Setor Elétrico - GESEL/UFRJ.

<sup>3</sup> Pesquisador Sênior do GESEL/UFRJ.

<sup>4</sup> Pesquisadora do GESEL/UFRJ.

<sup>5</sup> Pesquisador do GESEL/UFRJ.

celebrando contratos de longo prazo com as distribuidoras. Por outro lado, a AES Tietê está fortemente concentrada em contratos no Ambiente de Contratação Livre (ACL), ou seja, no mercado livre. Aqui, também prevalece uma complementariedade muito positiva. Na atual incerteza do impacto sobre o mercado elétrico derivada da crise do corona vírus, a posição da Eneva parece mais forte, uma vez que a contratação de longo prazo tende a proteger o gerador. Já os agentes operando no mercado livre estão mais sujeitos às consequências da redução abrupta da demanda, tendo em vista a possibilidade de renegociação, forçada ou não, de condições contratuais com consumidores livres atingidos pelos efeitos econômicos adverso da política de isolamento.

Em terceiro lugar, a diversificação da matriz da nova empresa, ou seja, a composição dos ativos, apresenta uma aderência com o processo de transição energética e com as mudanças no desenho do mercado elétrico brasileiro. A manutenção da matriz elétrica brasileira renovável está ocorrendo com o aumento da energia eólica e solar. Esta tendência fortalece a necessidade de usinas térmicas para garantir a segurança do suprimento da carga, frente à intermitência e sazonalidade das fontes renováveis.

Neste contexto de transição, a política energética e o planejamento de expansão da geração do Setor Elétrico Brasileiro (SEB) privilegiam as fontes renováveis alternativas e as térmicas a gás natural. Neste sentido, a análise dos Leilões de Energia Nova de 2017, 2018 e 2019 revela grande participação destas fontes, com os seguintes volumes contratados: plantas eólicas com 40,7%, solares com 14,4% e usinas termelétricas a gás natural com 29,36%.

Além disso, no Plano Decenal de Expansão de 2029, publicado pela Empresa de Pesquisa Energética (EPE), estima-se o aumento das fontes renováveis eólica e, principalmente, solar de 22%, em 2020, para 33%, em 2029. No que diz respeito à capacidade instalada de geração térmica, a previsão de aumento será de 14% para 18%, no mesmo período.

Diante deste novo paradigma operativo, uma empresa detentora de um portfólio diversificado e complementar de fontes de energia assume uma posição estratégica, em função da sinergia operacional e da sazonalidade entre os tipos fontes, uma vez que a geração hidrelétrica tende a ser maior na primeira metade do ano e a geração térmica e eólica no segundo semestre. Além disso, a diversidade integrada da matriz contribui para a redução do risco de insuficiência de geração em relação aos contratos.

Nestes termos, a empresa resultante terá a possibilidade de: i) atuar de forma mais eficiente em múltiplos cenários dos segmentos de geração, operação e

comercialização; ii) aumentar a estabilidade e previsibilidade do fluxo de caixa; iii) contribuir para a segurança e flexibilidade operativa no mercado elétrico; e iv) elevar a capacidade para investimentos em novos e diversificados negócios, permitindo competitividade nas inúmeras oportunidades que o setor elétrico oferece.

Por fim, percebe-se que a integração de ativos entre a Eneva e a AES Tietê tende a proporcionar uma sinergia, a qual agrega valor para as duas empresas e para o setor elétrico como um todo. Na medida em que a combinação de ativos traz modernidade, inovação e flexibilidade operativa à AES Tietê, a Eneva passa a contar com um portfólio mais diversificado e com uma maior participação de energia renovável e limpa. Desta forma, a combinação de ativos resultaria em uma empresa alinhada às estratégias de política energética e de planejamento do SEB, convergindo às diretrizes de transição energética vivenciadas a nível global e trazendo, também, benefícios para os seus acionistas.